

SILVA, B. K.; MARQUES, C. Imagem corporal de mulheres em acompanhamento de câncer de mama de uma cidade sul mineira. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA FAPEMIG, I., 2019, Itajubá. **Anais...** Itajubá: FWB, 2019.

Bianca Késia Silva¹
Carolina Marques²
Renata de Castro Matias³
FAPEMIG⁴

Estudo de abordagem quantitativa, descritiva e transversal O câncer de mama é segundo tipo mais frequente no mundo, sendo o mais comum entre as mulheres. Se diagnosticado e tratado precocemente, o prognóstico é relativamente bom. O envelhecimento é seu principal fator de risco. Os fatores de risco relacionados à vida reprodutiva da mulher (menarca precoce, não ter tido filhos, idade da primeira gestação a termo acima dos 30 anos, uso de anticoncepcionais orais, menopausa tardia e terapia de reposição hormonal) estão bem estabelecidos em relação ao desenvolvimento do câncer de mama (INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER (INCA), 2018). O câncer e seu tratamento pode envolver um fator de extrema importância: a alteração da imagem corporal, vivenciada de forma intensa pela população feminina, pois os tratamentos envolvem alterações fisiológicas como náuseas e vômitos, alopecia, fadiga, ganho de peso, efeitos na pele, disfunções sexuais, entre outros (OLIVEIRA et al., 2010). O interesse pelo tema surgiu devido à seguinte inquietação: será que todas as mulheres acometidas pelo câncer de mama se sentem semelhantes em relação ao seu corpo e imagem? Será que essas mulheres conseguem preservar a autoimagem mesmo com as mudanças corporais que o tratamento dessa doença traz? A justificativa deste estudo está na necessidade de se ampliar as pesquisas sobre autoimagem em mulheres acometidas pelo câncer de mama. Sendo assim a importância deste estudo enquanto relevância científica, aumentara o acervo bibliográfico de áreas afins no cuidado ao paciente oncológico. Alimentando o acervo com dados sobre as pacientes acometidas pelo câncer de mama tendo como foco a autoimagem, promovendo novos conhecimentos para auxiliar no processo cuidativo dessa clientela. No âmbito profissional, visa fornecer subsídios para a prática multiprofissional no atendimento a pacientes acometidas pelo câncer de mama, garantindo um cuidado digno. Este estudo tem como objetivo identificar a imagem corporal e as características socioeconômicas, demográficas e clínicas de mulheres acometidas pelo câncer de mama em uma cidade Sul Mineira. As participantes do estudo foram as mulheres em acompanhamento de câncer de mama. A pesquisa seguiu os preceitos da resolução 466/12 do Ministério da Saúde. A amostra foi constituída de 18 mulheres e amostragem foi intencional não probabilística. A coleta de dados iniciou após a aprovação do CEP/FWB com parecer consubstanciado nº 2. 358. 061/ 2017. Para a coleta de dados foi utilizado três instrumentos, primeiramente foi aplicado um instrumento referente aos dados sociodemográficos e clínicos, o segundo foi o Mini Exame de Estado Mental (MEEM)

¹ Bolsista do Programa de Iniciação Científica. Acadêmica do curso de Enfermagem da Faculdade Wenceslau Braz. Itajubá, Minas Gerais, Brasil. **E-mail:** bjakesia@gmail.com

² Coautora. Acadêmica do Curso de Enfermagem da Faculdade Wenceslau Braz. Itajubá, Minas Gerais, Brasil. **E-mail:** carolinamarques170@gmail.com

³ Orientadora. Mestre pela Unicamp. Docente da Faculdade Wenceslau Braz. Itajubá, Minas Gerais, Brasil. **E-mail:** renatacastromati@gmail.com

⁴ Fonte financiadora "Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais".

e o terceiro foi a escala de avaliação da imagem corporal por meio do Questionário Versão Brasileira da Body Investment Scale. Ao identificar as características sociodemográficas destacou-se a média da idade de 59 anos. A faixa etária entre 40 e 69 anos se destaca como a de maior prevalência de adoecimento e morte por esse tipo de câncer. O Ministério da Saúde define como fatores de risco bem estabelecidos para o desenvolvimento do câncer de mama aqueles que se encontram relacionados à vida reprodutiva da mulher (menarca precoce, antes dos 11 anos, nuliparidade, primeira gestação acima dos 30 anos, uso de anticoncepcionais orais, menopausa tardia, após os 50 anos, e utilização de terapia de reposição hormonal). Entretanto, o fator idade continua sendo um dos mais importantes, sendo que a incidência do câncer de mama aumenta rapidamente até os 50 anos e, posteriormente, o mesmo ocorre de forma mais lenta (MATOS; PELLOSO; CARVALHO, 2010). O estado civil que mais prevaleceu foi casado com 44,4%. A escolaridade das participantes que se destacou foi de ensino superior de 44,4%, de acordo com DUGNO et al. (2013) o grau de conhecimento da paciente, aumenta à medida que aumenta a escolaridade. A renda que mais prevaleceu foi de um salário mínimo que corresponde com 39% das participantes. Segundo o médico David Oliveira de Souza, especialista em saúde no Banco Mundial, os mais pobres tendem a ter acesso mais difícil ao cuidado adequado em tempo oportuno; e, no caso do câncer, o tempo é primordial para aumentar a sobrevida. Dependendo do momento da doença, os pacientes podem ficar incapacitados para o trabalho, e parentes eventualmente também deixam seus empregos para ajudar no cuidado. Em muitos casos a renda cai, piorando as condições de vida dessas famílias, completa (CERATTI, 2014). Já os dados clínicos que mais prevaleceu foi de 61% não é tabagista, com 44,4% sobrepeso e o tratamento da maioria das participantes foi de quimioterapia e radioterapia com 55,5%. O tabagismo, fator estudado ao longo dos anos com resultados contraditórios, é atualmente reconhecido pela International Agency for Research on Cancer (IARC) como agente carcinogênico com limitada evidência de aumento do risco de câncer de mama em humanos. Estar acima do peso ou obesa após a menopausa aumenta o risco de câncer de mama (INSTITUTO ONCOGUIA, 2017a). O tratamento para o câncer de mama consiste em dois tipos de terapia sendo elas a terapia local e a sistêmica que se dividem em estágios. A cirurgia e a radioterapia são exemplos de tratamentos locais (INSTITUTO ONCOGUIA, 2017b). A quimioterapia, a terapia hormonal e a terapia-alvo são exemplos de terapias sistêmicas (INSTITUTO ONCOGUIA, 2017b). Para avaliação da Imagem Corporal foi utilizado o questionário Versão Brasileira da Body Investment Scale, que possui vinte itens, dividido em três fatores imagem corporal, cuidado corporal e toque corporal. O fator de imagem corporal a média obtida foi de 17,53, sendo um valor próximo ao limite médio da pontuação da EIC que é 18 pontos, tornando-se assim uma pontuação razoável sobre a forma como as entrevistadas percebem sua imagem corporal. De acordo com Oliveira (2010), o câncer e seu tratamento implicam uma alteração da imagem corporal, vivenciado de forma intensa pelas mulheres, por ser uma doença que carrega um significado muito forte, como o da morte, transformando-se em um estigma social para quem é acometido por ela. Com isso, as reações aos tratamentos químico e radioterápico envolvem alterações fisiológicas que acentuam os distúrbios de autoimagem além de repercutir na vida funcional e produtiva da mulher. O fator de Cuidado Corporal o valor obtido foi de 33,52 pontos sendo uma pontuação positiva, acima da média evidenciando a preocupação e cuidado que a maioria das participantes tem por seus corpos. Pode-se observar que há um empenho, por parte das participantes, em

prevenir-se de outras doenças e em buscar o bem-estar através do cuidado de si. Quando detectado o câncer é importante destacar, que cada ser é único, com características próprias, devendo ser tratado como tal, portanto, o enfrentamento da doença dependerá do agir e do reagir das mulheres frente às mudanças ocorridas no adoecer por câncer (FEIJÓ et al., 2016). O toque corporal o valor apresentado pela pesquisa foi uma média de 19,37, sendo um valor acima do limite médio que é 18 pontos e, com isso, se percebe um resultado positivo acerca da visão que as participantes têm sobre o toque em si e nos outros. Os resultados apontam sobre a importância do toque afetivo entre as pacientes e pessoas próximas a elas e evidencia a alta relevância do contato físico para essas mulheres em tratamento, principalmente o abraço. Dentro do Toque Corporal, está implícita a ligação ao sexo e sexualidade que, de acordo com o Instituto Oncoguia (2016), são partes importantes da vida cotidiana e a diferença entre os dois é que sexo é uma atividade - algo que inclui outra pessoa, enquanto a sexualidade é a maneira como você se sente sobre si mesma como mulher e está ligada à intimidade ou sua necessidade de proximidade e toque. Conclui-se que o objetivo da pesquisa foi alcançado, apesar das dificuldades encontradas na coleta de dados. Conseguiu-se atingir o objetivo de identificar a imagem corporal das mulheres acometidas com o câncer de mama. Sugere-se novos estudos relacionado ao assunto de imagem corporal de mulheres acometidas pelo câncer de mama, mesmo que o resultado foi positivo, pois o estudo foi limitado a uma cidade e a uma amostra pequena, podendo ocorrer alteração em outras cidades ou em uma amostra maior.

Palavras-chaves: Câncer de Mama. Imagem Corporal.

REFERÊNCIAS

DUGNO, B. L. G. et al. Perfil do câncer de mamãe relação entre fatores de risco e estadiamento clínico em hospital do Sul do Brasil. **Revista Brasileira de Oncologia Clínica**, Belo Horizonte, v. 10, n. 36, p. 60-66, abr./jun. 2014. Disponível em: <<https://www.sbec.org.br/sbec-site/revista-sbec/pdfs/36/artigo3.pdf>>. Acesso em: 11 jan. 2019.

FEIJÓ, A. M. et al. Os caminhos de cuidado das mulheres com diagnóstico de câncer de mama. **Avances em Enfermería**, Bogotá, v. 34, n. 1, p. 58-68, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/aven/v34n1/v34n1a07.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA (INCA). **ABC do câncer:** abordagens básicas para o controle do câncer. 4. ed. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files//media/document//livro-abc-4-edicao.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2019.

INSTITUTO ONCOGUIA. **Sexualidade para mulheres com câncer.** São Paulo, 3 mar. 2016. Disponível em: <<http://www.oncoguia.org.br/conteudo/sexualidade-para-mulheres-com-cancer/9030/566/>>. Acesso em: 16 jan. 2019.

INSTITUTO ONCOGUIA. **Diagnóstico do câncer de mama.** São Paulo, 20 jun. 2017a. Disponível em: <<http://www.oncoguia.org.br/conteudo/diagnostico/14/12/>>. Acesso em: 14 mar. 2017.

_____. **Tratamentos do câncer de mama.** São Paulo, 22 jun. 2017b. Disponível em: <<http://www.oncoguia.org.br/conteudo/tratamentos/15/12/>>. Acesso em: 14 mar. 2017.

MATOS, J. C.; PELLOSO, S. M.; CARVALHO, M. D. B. Prevalência de fatores de risco para o câncer de mama no município de Maringá, Paraná. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v, 18, n. 3, p. 1-8, maio/jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v18n3/pt_09.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2019.

OLIVEIRA, C. L. et. al. Câncer e imagem corporal: perda da identidade feminina. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, Fortaleza, v. 11, p. 53-60, 2010. Edição Especial. Disponível em: <<http://periodicos.ufc.br/rene/article/view/4659/3476>>. Acesso em: 19 jul. 2017.

